

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM ENNIO MORRICONE
19 e 23 de setembro de 2020

THE THING / 1982

(Veio do Outro Mundo)

um filme de John Carpenter

Realização: John Carpenter / **Argumento:** Bill Lancaster, baseado numa história de John W. Campbell Jr. / **Design de Produção:** John J. Lloyd / **Direcção Artística:** Henry Larrecq / **Cenários:** John Dwyer / **Música:** Ennio Morricone / **Som** (supervisão de montagem): Colin C. Mouat / **Montagem:** Todd Ramsay / **Interpretação:** Kurt Russell (R.J. MacReady), Wilford Brimley (Dr. Blair), T.K. Carter (Nauls), David Clennon (Palmer), Keith David (Childs), Richard A. Dysart (Dr. Copper), Charles Hallahan (Vance Norris), Peter Maloney (Bennings), Richard Masur (Clark), Donald Moffat (Garry), Joel Polis (Fuchs), Thomas G. Waites (Windows), Norbert Weisser (norueguês), etc.

Produção: Universal / **Produtores:** David Foster e Lawrence Turman / **Cópia:** DCP, colorida, com legendagem eletrónica em português, 108 minutos / **Estreia em Portugal:** Mundial e Éden, a 11 de Novembro de 1982.

Foi com este filme que John Carpenter iniciou a sua "aventura" nos grandes estúdios hollywoodianos. Os seus últimos filmes, em especial títulos como **Halloween** ou **Escape From New York**, tinham sido notáveis sucessos e, como tal, Carpenter acabou por não resistir ao canto da sereia que inevitavelmente se seguiu. É, de resto, muito possível que, no fundo, Carpenter sempre tenha desejado tal convite.

The Thing foi realizado para a Universal, e era um projecto que Carpenter só tinha razões para acarinhar, não sendo difícil imaginar que se tenha sentido verdadeiramente entusiasmado. Tratava-se de refazer um "clássico" da série B de ficção científica, o **The Thing From Another World** que Christian Nyby (e Howard Hawks) tinham dirigido nos anos 50. Se, em termos puramente narrativos (com as devidas incidências no plano formal), tal projecto parecia ajustar-se que nem uma luva aos métodos e interesses de Carpenter – a ideia do grupo de personagens num espaço delimitado, a ameaça "exterior" que se torna insidiosamente uma ameaça "interior" – acrescentavam-se as componentes políticas metafóricas da versão original (de modo hoje mais ou menos explícito, uma parábola sobre os tempos mccarthyistas e sobre a "angústia atómica") e, "last but not least", a sombra de Howard Hawks, realizador entre todos muito admirado por John Carpenter. De certa forma, tendo **Assault on Precinct 13** e a sua relação com **Rio Bravo** em consideração, **The Thing** seria o segundo "remake" de um filme de Hawks a que Carpenter se dedicaria. Tecnicamente, pelo menos, visto que Carpenter, ele próprio, nunca falou em "remake", preferindo referir-se a **The Thing** como uma "releitura" da novela que servira de base à versão Nyby/Hawks. Diria, aliás, algo de bastante semelhante anos mais tarde, quando, conforme a expressão que se prefira, "refez" **Village of the Damned** ou "releu" o romance de John Wyndham que esteve na origem do filme de Wolf Rilla.

Mas se **The Thing** foi o primeiro momento da aventura de Carpenter nos grandes estúdios, marcou também o momento em que essa aventura começou a correr relativamente – ou bastante – mal. **The Thing** não foi só mal recebido pela crítica que antes não deixara de endereçar os devidos elogios ao trabalho anterior de Carpenter, foi também praticamente ignorado pelo público que fizera desse trabalho anterior um enorme sucesso de bilheteira. Desde então (vinte e tal anos passaram) **The Thing** até acabou por adquirir uma aura especial, sendo defendido por muita gente como um dos melhores filmes que Carpenter alguma vez fez, e seguramente o melhor que realizou durante o seu tempo de convivência directa com o “mainstream” de Hollywood. O próprio Carpenter, que à época ficou bastante entristecido com o fracasso de **The Thing**, o escolhe hoje como o filme de que mais orgulha. Embora, por outro lado, se tentarmos (e conseguirmos) fazer o exercício de viajar mentalmente no tempo e nos colocarmos em 1982, a ver **The Thing** tendo como únicas referências os filmes anteriores de Carpenter, talvez se consiga compreender um pouco da decepção que os espectadores e críticos contemporâneos sentiram – por alguma razão, e apesar da mestria narrativa e do brilhantismo formal (e apesar de **The Thing** ser, indubitavelmente, um filme “carpenteriano” do primeiro ao último plano, afirmação que talvez não se possa repetir para todos os filmes que realizou durante este período dos anos 80), o Carpenter deste filme parece um pouco menos “evidente”, menos “imediato”, que o do **Assault** ou o de **Halloween**: menos “frissons”, menos ironia, e uma desesperança tão gelada como as paisagens da Antártida. E depois, como Carpenter bem notou, este filme contrariava uma regra de ouro do “fantástico”, que o cineasta tão bem tinha seguido nesses filmes: deixar os “monstros” na sombra. **The Thing** tira toda ou quase toda a sua razão de existir do simples facto de o seu problema ser a “identificação do monstro”, na sua mutabilidade (é preciso ver a “coisa” a tomar, e a destruir, várias formas humanas e animais) e revelação.

Não deixa, ainda nesta perspectiva, de ser curiosa uma relação – que também muitos traçam hoje em dia – entre o insucesso deste filme e o sucesso de outro, também realizado e estreado em 1982, e também sobre extra-terrestres: nada mais, nada menos do que o **E.T.** de Steven Spielberg. De facto, não há comparação possível entre os extra-terrestres de Carpenter, malévolos e poderosos, e o extra-terrestre queridinho e amigo das criancinhas do filme de Spielberg. Não se trata de dizer que o filme de Carpenter seria o “anti-**E.T.**” (se o fosse, a derrota era, claro, em toda a linha), mas constatar que a diferença fundamental residia no facto de, enquanto Carpenter retomou uma tradição narrativa em que os seres alienígenas são quase uma abstracção, uma figuração “sem corpo” (ou, o que vai dar ao mesmo, em corpo múltiplo e infinito) do Mal absoluto, Spielberg reviu essa tradição, anulou a abstracção e o Mal, e serviu-a como conto de fadas moderno. A partir daqui, tudo o mais que se possa dizer sobre esta coincidência relevará mais do campo da sociologia (e de uma “história do espectador de cinema”) do que propriamente do campo cinematográfico.

Quanto ao mais, resta dizer que **The Thing** é não só um notável exercício de suspense (bem melhor do que o **Alien** de Ridley Scott, com quem partilha bastantes ingredientes) como uma pré-formulação de alguns temas a que Carpenter voltaria mais tarde (o essencial **They Live** tem aqui alguns anúncios), e ainda como uma reformulação de modelos narrativos, fortemente ancorados na história do cinema americano, que sempre foram essenciais a Carpenter (em particular, os códigos do “western”, com que este filme se aparenta mais do que com o filme de ficção científica, talvez mesmo mais do que o que se aparentava a versão Nyby/Hawks). Tem uma lição – onde há um grupo é bom que ele permaneça um grupo até ao fim, porque é quando se desune que começa a sua perdição – e no final uma moral ou uma conclusão terrivelmente pessimista. Mas, ainda assim, desafiadora e irreverente: “esperemos aqui um pouco, a ver o que acontece”.

Luís Miguel Oliveira